

**SOBRE O SOCIALISMO EM OS ANOS DE
PEREGRINAÇÃO DE WILHELM MEISTER OU OS
RENUNCIANTES**

*ABOUT THE SOCIALISM IN WILHELM MEISTERS
WANDERJAHRE ODER DIE ENTSAGENDEN*

Manoela Hoffmann Oliveira*

RESUMO: O artigo apresenta o romance goethiano *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister ou Os renunciantes* [*Wilhelm Meisters Wanderjahre oder die Entsagenden*], ainda inédito no Brasil, no contexto de sua recepção socialista, trazendo alguns elementos para discutir se e como a maior obra ficcional do período de maturidade de Goethe teria implementado ideias revolucionárias.

Palavras-chave: *Wilhelm Meisters Wanderjahre oder die Entsagenden*, recepção socialista, realismo, humanismo

ABSTRACT: The article presents the novel Goethe *Wilhelm Meisters Wanderjahre oder die Entsagenden*, unprecedented in Brazil, in the context of his socialist reception and brings some elements to discuss whether and how the greatest fictional work from Goethe's maturity period implemented revolutionary ideas.

Keywords: *Wilhelm Meisters Wanderjahre oder die Entsagenden*, socialist reception, realism, humanism

* Pós-doutorado (FAPESP) em Sociologia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Sociais. E-mail: manoela.hoffmann@gmail.com

Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister ou Os renunciantes e as polêmicas em torno da obra

Uma continuação de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* (1795-96) é planejada por Goethe tão logo encerra a obra (Goethe a Schiller, 12.7.1796, HA 7, p. 648). *Wilhelm Meisters Wanderjahre oder Die Entsagenden*, obra publicada em duas versões (1821 e 1829), causou grande impacto e polêmica desde sua primeira recepção, que foi cercada de opiniões ambíguas e controversas tanto sobre a configuração formal quanto em relação ao conteúdo das ideias apresentadas.

Era a primeira vez que o público tinha contato imediato com o estilo tardio de Goethe. A estética anticlássica aproveitou para aplicar em *Os anos de peregrinação* argumentos que há muito já vinham sendo preparados contra Goethe. Ludwig Tieck chegou a dizer que o livro era um documento de um “sectário da antiguidade” e que em nada correspondia à situação política e social da época (FA I/10 p. 892). Já a interpretação socialista do romance, iniciada por Karl August Varnhagen von Ense, considerou, por sua vez, que *Os anos de peregrinação* não só responderam às exigências da época como até mesmo anteciparam tendências (cf. GILLE, 1979, p. XXXIII). Mas, de um modo geral, a crítica negativa ao estilo de maturidade de Goethe é dominante nas histórias da literatura desde aproximadamente a década de 1840 até o início do século XX. É somente com Max Wundt (1913) que o romance passa a ser avaliado positivamente, com o conteúdo de ideias filosófico-humanistas trazido a primeiro plano.

Aquilo que Goethe chamou de seu “tique realista” (Goethe a Schiller, 9.7.1796, HA 7, p. 643) sofre no período tardio uma transformação, embora não uma transformação completa; fortalece-se, por exemplo, a ironia já presente período anterior (bem percebida por Friedrich Schlegel em sua recensão de 1798 sobre *Os anos de aprendizado*, na revista *Athenäum*). Contudo, a característica essencial da ironia goethiana consiste em que ela não anula “o homem, seus valores e seu mundo” (BAHR, 1972, p. 175)¹, ainda que o conceito de renúncia [*Entsagung*] trate da desistência da completa realização de um antigo ideal de humanismo [*Menschentum*]. O conceito de renúncia, central no pensamento tardio de Goethe e fundamental para a interpretação do sentido do romance (presente desde o título), é definido em *Poesia e Verdade* da seguinte forma:

tanto nossa vida física quanto social, nossos costumes, hábitos, a filosofia, a religião e mesmo os acontecimentos acidentais, tudo nos convida à renúncia. /.../ Para resolver essa difícil tarefa, porém, a natureza dotou o homem de bastante força, astúcia, atividade e persistência (FA 14, p. 729).

Como é sabido, o conceito de renúncia guarda estreitas relações com Espinosa, forte influência do período clássico de Goethe (HENKEL, 1964), e sem dúvida mostrou-se adequado para os novos tempos que se anunciavam, aqueles que sobrevivem às esperanças da Revolução Francesa e preparam as revoluções industriais e proletárias da primeira metade do

¹ Diferente da ironia romântica, que segundo Hegel representa apenas “o principio da subjetividade absoluta”, destruidora do que é esplendido, grandioso e excelente. Em outras palavras, ao afirmar-se e novamente se suprimir, o romântico aniquila o que tem valor e dignidade para o homem, “o elevado e o melhor não são nada” (HEGEL *apud* BAHR, 1972, p. 175). A ironia romântica assenta-se, portanto, sobre o principio do autoaniquilamento.

século XIX. Porém, um dos principais elementos de conteúdo gerador das polêmicas em torno do romance não está imediatamente relacionado ao conceito (ainda que esteja intrinsecamente ligado a ele), mas sim ao novo modelo em que a sociedade apresenta-se na Província Pedagógica, parte do texto em que os ideais de formação [*Bildung*] de Goethe estariam especialmente visíveis. Nesta comunidade educacional em que os alunos são ensinados de um modo muito específico, as atividades práticas são o fundamento e o resultado da *Bildung*.

Adalbert Kayßler trata das utopias pedagógicas presentes no romance comparando-as às de Platão, e uma narrativa de Achim von Arnim (*Wunder über Wunder*, 1826) encerra a recepção da primeira versão com uma paródia da Província Pedagógica. Em comparação à recepção da primeira versão (1821)², a recepção da segunda versão (1829) foi mais fraca em termos de extensão, mas originou três importantes recensões dos contemporâneos: a de Gustav Heinrich Hotho (In *Jahrbüchern für wissenschaftliche Kritik*, 1829/30); Theodor Mundt; e novamente Varnhagen von Ense (Im Sinne der Wanderer. In *Ueber Kunst und Altertum*, 1832).

Hotho, o ilustre aluno de Hegel, analisou o romance com o conceito de epopeia burguesa e teve a relevância de seu trabalho redescoberta no século XX³. Ele reconheceu três elementos principais: 1) a descrição da propriedade rural, da Província Pedagógica e da grande confederação [*Bund*]; 2) “os caracteres pessoais com seus erros e paixões”; 3) e as novelas. Por sua vez, Mundt (que fazia parte da oposição ao movimento político-literário “Jovem Alemanha”) reproduziu clichês contra o romance, a poesia de Goethe é tida como ultrapassada, a segunda versão do romance é entendida como fragmento. E por fim, temos a recensão de Varnhagen von Ense, publicada no último número da revista editada por Goethe, quando este já não vivia mais. Ele acentuou a temática social do romance – trabalho, *Bildung* e progresso da humanidade – e deixou rastros da teoria saint-simonista em sua interpretação (GILLE, 1971), com isso, Varnhagen tornou-se o fundador da interpretação socialista de *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister* que viria à tona nas duas décadas seguintes e que constitui uma fase bastante produtiva da recepção do romance no século XIX.

A recepção socialista da obra

Em 1821, Varnhagen apresenta sua apreciação do romance na forma de troca de cartas sob o título *A obra mais recente de Goethe* [*Goethes neuestes Werk*], os correspondentes, que aparecem com nomes fictícios, são Rahel Varnhagen, Adalbert von Chamisso, Immanuel Hermann Fichte, entre outros. A interpretação de Varnhagen concentra-se em *Os anos de peregrinação* como obra programática e crítica da época: no romance estaria representado um processo dialético que dissolveria o feudalismo e seguiria para a harmonia social geral.

² A recepção da primeira versão de *Os anos de peregrinação* pode ser dividida em quatro grupos (cf. GILLE, 1971): 1) recensões superficiais; 2) análises pertinentes, as quais recebem o agradecimento público de Goethe (*Geneigte Theilnahme an den Wanderjahre* aparece no *Morgenblatt* do editor Cotta e na própria revista de Goethe *Über Kunst und Altertum*, Bd. 3.3, 1822), cujos autores são Varnhagen von Ense, Karl Forster e Adalbert Bortholomaus Kayßler; 3) recensões dos opositores de Goethe, dentre os quais especialmente Schutz e Adolph Muller; 4) reações contra o livro de Schutz, principalmente Friedrich Wahner. No conjunto, esta primeira recepção foi mais ampla e polemica que a recepção da segunda versão da obra, e pode ser considerada ambivalente (BAHR, 1972).

³ Annelise Klingenberg (1972), por exemplo, concorda que quanto a forma o romance pode ser definido segundo a estética de Hegel.

Mas é a segunda recensão de Varnhagen (*Im Sinne der Wanderer*, 1832) que abre realmente uma vereda de interpretação socialista da obra. Por ela seguiram o velho-hegeliano Karl Rosenkranz (*Goethe und seine Werke*, 1847), o “socialista verdadeiro” Karl Grün (*Ueber Goethe vom menschlichen Standpunkte*⁴, 1846), Ferdinand Gregorovius (*Goethe's Wilhelm Meister in seinen socialistischen Elementen entwickelt*, 1849), Hermann Hettner (*Goethe und der Socialismus*, 1852) e Alexander Jung (*Goethe's Wanderjahre und die wichtigsten Fragen des 19. Jahrhunderts*, 1854). Ainda que nesses intérpretes transpareça por vezes um tom religioso e apologético (BAHR, 1979, p. 218), a importância de suas leituras pode ser comprovada por um conceito central e inovador no romance, o de *trabalho*, que foi visto com estranheza pelos contemporâneos e somente com a interpretação de Rosenkranz, em 1847, foi apropriadamente reconhecido – portanto, quase 20 anos depois da publicação da última versão do romance. Rosenkranz acentua a tecnologia (maquinaria) e a propriedade, esta que ele vê dissolvida na emancipação política da burguesia e do ofício. Posteriormente, seu aluno Gregorovius coloca o conceito do trabalho no centro do romance, e Hettner, por fim, considera que Goethe pode ser nomeado o primeiro socialista alemão – ao ser influenciado tanto pelos socialistas utópicos quanto pelo idealismo alemão e pela economia política.

Tornou-se consenso a constatação de que a categoria trabalho e o conceito de formação [*Ausbildung*] recebem em *Os anos de peregrinação* uma conotação diferente das que lhe haviam sido conferidas em *Os anos de aprendizado*, pois no lugar da formação universal [*Universalausbildung*] entra a profissão prática (VAGET, 1983, p. 15). A pesquisa sobre as fontes históricas dos conhecimentos de Goethe e seu processamento das teorias econômicas de seu tempo demonstrou que eram do conhecimento do poeta a fisiocracia francesa, a obra de Adam Smith, Justus Möser e o cameralismo (KLINGENBERG, 1972, p. 105-111), com os quais tomara contato, inclusive por exigências práticas, já em seus tempos de funcionário do estado; além dessas influências, foram vistos na obra valores do idealismo alemão que teriam sido mantidos por Goethe e que podem ser expressos na fórmula: “formação do homem para a totalidade da humanidade” (WUNDT *apud* BAHHR, p. 227)⁵. Entretanto, mesmo que a importância da categoria trabalho unida ao conceito de *Bildung* possa ser atestada não apenas pelos conhecimentos de Goethe, mas também pela interpretação socialista da obra, isso não significa que tal constatação tenha sido perpetuada univocamente na crítica: no século XX, há desde vozes que consideram que Goethe fez uma antecipação à teoria de Marx (Thomas Degering) quanto aquelas que asseguram que os conceitos de propriedade, família e honra ainda são configurados no romance no sentido da sociedade burguesa (Bahr), e que tentativas de aplicar o “modelo de historicidade” de Hegel e Marx ao romance mostraram-se muito abstratas (como teria acontecido no estudo de Stefan Blessin).

Antes de nos embrenharmos em discussões recentes, contudo, é preciso lembrar que as primeiras interpretações socialistas do romance pretendem ligá-lo aos novos acontecimentos e ideias de fins do século XVIII e início do século XIX europeu, sem, no entanto, dissociá-lo do humanismo clássico do período imediatamente anterior. Nesse sentido, a investigação de como *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister ou Os renunciantes* foram passíveis de uma interpretação socialista deve supor que isso só foi possível em razão da orientação humanista presente no romance, que se nutriu dos acontecimentos históricos

⁴ Obra criticada por Engels uma recensão (Rezension zu Karl Grün: Über Goethe vom menschlichen Standpunkt. In Karl Marx; Friedrich Engels. *Über Kunst und Literatur*. 2 Vols. Berlin. 1967\68)

⁵ Leitura feita também Eduard Spranger (1942), Flitner (1947) e Henkel (1954).

decisivos dos períodos clássico (1786 a 1805) e tardio (1805 a 1832) da vida de Goethe, e das ideias dessas épocas, desde a filosofia idealista até a economia política e o próprio socialismo nascentes.

Socialismo alemão: teria sido Goethe o primeiro antecessor de Marx?

No prefácio à primeira edição alemã (1882) de sua obra *Do socialismo utópico ao socialismo científico*, Engels assevera que “o socialismo científico é um produto essencialmente alemão, e não poderia nascer senão na nação que manteve viva a tradição da dialética consciente: na Alemanha” (p.7). Por essa razão, prossegue ele, “nós, os socialistas alemães, temos orgulho de não descender apenas de Saint-Simon, de Fourier e de Owen, mas também de Kant, de Fichte e de Hegel” (p. 8). Não somente Marx e Engels, também Goethe esteve imerso no “problema teórico central da época clássica da filosofia e literatura alemãs, da época de Lessing até Hegel”, a saber, “a luta em torno da formação da dialética” (Lukács, *Goethe und die Dialektik*, p. 406). E mais do que isso, não são somente essas influências que ligam Goethe a Marx: as ideias socialistas que acabavam de se forjar também agiram sobre Goethe.

Na verdade, como explica Engels, as ideias socialistas das primeiras décadas do século XIX surgem como um desdobramento do materialismo do século anterior: “por sua forma teórica, o socialismo começa apresentando-se como uma continuação, mais desenvolvida e mais consequente, dos princípios proclamados pelos grandes pensadores franceses do século XVIII” (p. 56). Goethe admirava esses brilhantes materialistas⁶, embora não se posicionasse, por isso, decididamente ao lado do materialismo francês ou inglês (uma vez que Bacon, Hobbes e Locke, no século XVII, foram os pais de Holbach, Helvetius, Diderot, no século XVIII). Da mesma forma, Goethe separa-se do idealismo filosófico com considerável firmeza (como fica claro nas relações que ele mantém com Schiller e Jacobi⁷).

Na medida em que, como alerta Lukács, seria uma grande simplificação tratar de uma tendência como progressiva (o materialismo) e outra como reacionária (dialética idealista), tanto porque na Alemanha as duas tendências se misturaram e é difícil estabelecer fronteiras, posto que o conflito filosófico entre idealismo e materialismo ainda não havia se estabelecido claramente, torna-se ainda mais complicado situar Goethe no rico complexo de pensamento de sua época. O que se percebe é que a necessidade de buscar um meio-termo entre o materialismo mecânico e o idealismo extravagante surge tanto no trabalho de Goethe nas ciências naturais quanto na literatura, em que representa um realismo poético que guarda nítida distância do idealismo poético de Schiller e dos românticos. Em contrapartida, seu realismo é bem diverso daquele de seus contemporâneos alemães, “o qual apenas refletia a estreiteza e o atraso da vida burguesa da Alemanha” (Lukács, *Goethe und die Dialektik*, p. 411); diferentemente deles, Goethe seguia com interesse os realistas audazes das burguesias inglesa e francesa, como Diderot e, posteriormente, Balzac.

A representação de comunidades baseadas em trabalho e em específicas organizações políticas evidencia sem sombra de dúvida, porém, a direção na qual Goethe dera um passo: a relação existente entre *Os anos de peregrinação* e os primeiros socialistas torna-se nítida

⁶ As peças teatrais de Diderot, encenadas em Frankfurt am Main, foram vistas com prazer pelo jovem Goethe, assim como foram lidos, já em Weimar, os escritos filosóficos e estéticos do grande enciclopedista.

⁷ O desenvolvimento da dialética numa direção idealista acontece na Alemanha por meio da restauração da metafísica do século XVII, especialmente Descartes, Malebranche, Espinosa e Leibniz (englobando as disputas entre criticismo e dogmatismo).

especialmente porque estes pretendiam tirar da cabeça a solução dos problemas sociais, latentes ainda nas condições econômicas pouco desenvolvidas na época. /.../ Tratava-se, por isso, de descobrir um sistema novo e mais perfeito de ordem social para implantar na sociedade vindo de fora, por meio da propaganda e, sendo possível, com o exemplo, mediante experiências que servissem de modelo. Esses novos sistemas sociais nasciam condenados a mover-se no reino da utopia; quanto mais detalhados e minuciosos fossem, mais tinham que degenerar em puras fantasias (ENGELS, p. 65)⁸.

A emigração para a América, projeto da Sociedade da Torre e de Wilhelm, tinha como objetivo construir um estado cujas bases fossem mais justas do que as dos estados europeus da época, de modo que, para a admissão dos colonos, era exigido que eles possuíssem perícia para exercer um ofício. O princípio educativo fundamental na Província Pedagógica era que nenhuma vocação deveria ser forçada ou desaproveitada (ainda que as diferenças individuais requeressem sacrifício e renúncia). Ora, esse tipo de plano implicava uma transformação da natureza das relações sociais vigentes e principalmente uma impugnação da propriedade privada, pressupostos e consequências que estão de pleno acordo com as ideias de Saint-Simon: “Com efeito, uma das conclusões de Saint-Simon era que /.../ uma sociedade que tivesse como objetivo comum o desenvolvimento da produção ver-se-ia obrigada a subordinar a este fim as regras da propriedade e inclusive a reconsiderar radicalmente o princípio da liberdade” (ANSART, p. 6)⁹.

Na verdade, em *Os anos de peregrinação* Goethe tenta expor uma base ética da economia: a propriedade privada não deveria ser abolida, mas usada pelo proprietário para também beneficiar a comunidade – o que, por sua vez, aproxima-se da prática de Owen. Contudo, Goethe via claramente os danos do progresso tecnológico e industrial, tornando difícil harmonizar a propriedade privada e a posse comum defendidas por ele (nos capítulos finais do romance a proprietária de uma empresa tem de escolher: ou o negócio transforma-se em fábrica, ameaçando a indústria doméstica e levando ao despovoamento dos vales vizinhos, ou ela desiste de mudar e tornar-se competitiva, o que a condenaria à ruína).

Saint-Simon e Fourier, na França, e Owen, na Inglaterra, estão entre os precursores do que viria a se transformar no socialismo científico de Marx e Engels. Essa perspectiva crítica de análise da sociedade moderna baseia-se em diversos estudos empíricos, relatórios, descrições e estatísticas que têm como objeto a indústria, os efeitos da divisão do trabalho, o pauperismo, a entrada de mulheres e crianças no mercado de trabalho etc.; estudos que são acompanhados de projetos e planos de mudança dessas condições degradantes de vida. Engels afirma que Saint-Simon, Fourier e Owen começaram a publicar suas obras num período em que “o modo capitalista de produção, e com ele o antagonismo entre a burguesia e o proletariado, achava-se ainda muito pouco desenvolvido. A grande indústria, que acabara de nascer na Inglaterra, ainda era desconhecida na França” (ENGELS, p. 63). Saint-Simon,

⁸ O socialismo científico, porém, não deixa de reconhecer a importância de seus precursores. Marx teria declarado que esteve “impregnado do pensamento de Saint-Simon desde sua infância” (*apud* Ansart, p. 8); Engels reconhece em Saint-Simon “amplitude genial de visão, que lhe permite conter, em germe, quase todas as ideias não estritamente econômicas dos socialistas posteriores, em Fourier /.../ a crítica engenhosa autenticamente francesa, mas nem por isso menos profunda, das condições sociais existentes” (ENGELS, p. 69); “Owen assimilara os ensinamentos dos filósofos materialistas do século XVIII” (ENGELS, p. 72), um comunismo eminentemente prático, ao ponto de todos os movimentos sociais, os progressos reais em interesse da classe trabalhadora na Inglaterra até 1820 estarem ligados ao nome de Owen, que conseguiu, por exemplo, uma lei limitando o trabalho de mulheres e crianças nas fábricas.

⁹ Além disso, para se criar uma convicção moral sólida, a religião era mobilizada – outro traço da narrativa que se assemelha muito às ideias de Saint-Simon.

filósofo, economista e – cada vez mais amplamente considerado – fundador da sociologia (posto comumente atribuído a seu secretário August Comte); Fourier, teórico, crítico mordaz do capitalismo, um dos idealizadores do cooperativismo; e Owen, voltado para a melhoria imediata das condições de vida de seus trabalhadores, igualmente considerado um dos fundadores do cooperativismo, atuaram de maneiras muito diversas. Porém, um “traço comum aos três é que não atuavam como representantes dos interesses do proletariado, que entretanto surgira como um produto histórico. Da mesma maneira que os enciclopedistas, eles não se propõem a emancipar primeiramente uma classe particular, mas, de chofre, toda a humanidade” (ENGELS, p. 60), o que significa que as ideias de transformação da sociedade não passavam pelo enfrentamento central do conflito de classes, o que levou Engels a denominá-los como socialistas utópicos.

A abstração desse conflito central é também comum a Goethe – até mesmo porque a produção goethiana, que se estende da década de 1770 até 1832, abrange um período histórico consideravelmente maior do que as obras dos primeiros socialistas, que iniciam nos primeiros anos do século XIX (Owen em 1800, Saint-Simon em 1802 e Fourier em 1808), e nesse sentido, o conflito entre as classes era ainda menos perceptível do que na época dos primeiros socialistas, como alegou Engels. Assim, Goethe não considera as contradições da sociedade com o indivíduo insolúveis por princípio, e sua solução não estava na revolução, que para ele era um mal, uma desordem, um caos (e por isso – como Fourier – Goethe recusou apaixonadamente a Revolução Francesa)¹⁰. Ao mesmo tempo, Goethe assinava a revista saint-simonista *Globe* e entusiasmava-se com as perspectivas do desenvolvimento industrial, todavia, mostrava-se cético quanto à ideia de que este seria a salvação da humanidade. Ao incorporar um humanismo crítico sem revolução social, ele tenta configurar um caminho próprio entre realismo e romantismo, materialismo e idealismo, socialismo e ordem social estabelecida.

Como o pensamento de Goethe, o pensamento de Marx desenvolve-se por meio de confluências de correntes idealistas e materialistas, e é difícil estabelecer categoricamente influências, origens e fronteiras de cada uma delas, ainda que algumas relações possam ser indiscutivelmente determinadas. O que podemos afirmar, num primeiro momento, é que justamente por seu humanismo, no qual o homem e seus valores são sempre afirmados e elevados, jamais anulados, e do seu realismo, que o faz voltar-se para as condições objetivas da vida social, Goethe acaba por aproximar-se, em *Os anos de peregrinação*, das ideias socialistas, o que por sua vez implica necessariamente a crítica às condições de trabalho na indústria e suas consequências perniciosas para a sociedade.

Marx lia e apreciava a literatura goethiana por sua qualidade artística, assim como era um grande apreciador de Balzac, de Shakespeare e de outros mestres da literatura europeia. Assim, ainda que não seja nem um pouco razoável afirmar que Marx admirava Goethe porque

¹⁰ Enquanto Hegel vê as contradições como o princípio movente do desenvolvimento, Goethe, que também conhece o caráter fundamental das contradições, quer, no entanto, continuamente resolvê-las em harmonia (LUKÁCS, *Goethes Weltanschauung*, p. 436) – o que é reconhecido por Lukács como uma tendência ideológica de sua posição de classe, tanto quanto é o “fim da história” para Hegel. Apesar de Goethe e Hegel colocarem-se contra as ideias de restauração dos românticos, ele adota algumas de suas concepções. A dissolução das contradições só é possível porque Goethe aproxima-se do misticismo romântico ao tirar do caminho todas as determinações históricas para explicar o desenvolvimento em níveis até que se chegue ao homem. Apesar de ter testemunhado alguns dos mais decisivos eventos da história moderna, o polímata deixa claro em inúmeras passagens (entre conversas, cartas, recensões e anotações nas quais fala diretamente sobre o tema) que reconhece o princípio do movimento apenas nas pessoas e em seus destinos pessoais, e não em instituições, estado, sociedade – estes estariam sob os poderes imutáveis do destino (cf. LUKÁCS, *Was ist uns heute Goethe?*, p. 428).

este seria um socialista *avant la lettre* (até porque de suas inúmeras obras somente *Os anos de peregrinação* apontam nesta direção), é bastante certa a observação de que esta admiração se dava sobretudo porque Goethe, antes de mais nada, era um grande artista realista e humanista. Como asseverou Lukács (1935:60), os maiores poetas da burguesia ascendente ambicionaram uma conciliação das tendências conflitantes, fato que não anula, porém, “a dialética da intenção malograda dos grandes escritores, sua grandeza contra vontade, seu sucesso na derrota de suas intenções” (Lukács 1935: 61), de modo que, ainda que a teoria do romance não tenha conseguido ir além das contradições (não chegando, portanto, à “contradição fundamental” e, portanto, não produzindo uma teoria do romance correta), o romancista, de alguma forma, assim o fez - observações cuja verdade ultrapassa, portanto, o último romance goethiano e transborda para suas outras obras-primas.

Se Goethe de fato se inspirou em algumas ideias socialistas que começavam a circular em sua época, estas estão certamente bem longe das de Marx; curioso é que, ainda assim, na medida em que se fundem aos seus ideais humanistas, Goethe fora o primeiro a desdobrá-las na Alemanha, com seu romance *Os anos de peregrinação de Wilhelm Meister ou Os renunciantes*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANSART, Pierre. *Sociologia de Saint-Simon*. Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponível em <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/656553.pdf>> Data de acesso: julho/2015
- BAHR, Ehrhard. *Die Ironie im Spätwerk Goethes: diese sehr ernsten Scherze. Studien zum West-östlichen Divan, zu den Wanderjahren und zu Faust II*. Berlin: Erich Schmidt, 1972.
- ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socialismoutopico.html>> Data de acesso: julho/2015.
- GILLE, Klaus F. (Org.): *Goethes Wilhelm Meister. Zur Rezeptionsgeschichte der Lehr- und Wanderjahre*. Königstein: Athenäum, 1979.
- GOETHE, Johann Wolfgang. *Wilhelm Meisters Lehrjahre*. Hamburger Ausgabe (HA), Erich Trunz (org.). München: C.H. Beck, 2002.
- _____. *Aus meinem Leben. Dichtung und Wahrheit*. Vol.14. Frankfurt a.M.:DKV, 1986.
- KLINGENBERG, Annelise. *Goethes Roman Wilhelm Meisters Wanderjahre oder die Entsagenden. Quellen und Komposition*. Berlin & Weimar: Aufbau-Verlag, 1972, p.105-111.
- LUKÁCS, Georg. Marx und Goethe (1970). In: BENSELER, Frank (org.). *Revolutionäres Denken – Georg Lukács. Eine Einführung in Leben und Werk*. Darmstadt, Neuwied: Lucterhand,1984.
- _____. Goethe und die Dialektik; Was ist uns heute Goethe?; Goethes Weltanschauung. In KLEIN, A. *Georg Lukács in Berlin: Literaturtheorie und Literaturpolitik der Jahre 1930/32*. Berlin; Weimar: Aufbau, 1990.
- _____. O Romance como Epopéia Burguesa. In: *Revista Ad Hominem*, São Paulo, n.1. t.2, 2000.
- TIECK, Ludwig. In GOETHE, Johann Wolfgang. *Wilhelm Meisters Wanderjahre*. Hans-Georg Dewitz, Gerhard Neumann (orgs.). Frankfurt a.M. (FA): DKV, 1989.

VAGET, Hans Rudolf. Johann Wolfgang Goethe. *Wilhelm Meisters Wanderjahre* (1829). In LUTZELER, Paul Michael. *Romane und Erzählungen zwischen Romantik und Realismus. Neue Interpretationen*. Stuttgart: Reclam, 1983.